

(Re)construções humanas através do silêncio: confluências da modernidade na dicção poética de Emily Dickinson

Human (re)constructions by means of silence: modern confluences in Emily Dickinson's poetry diction

Lázaro Montes Santos (IC/UNEB-PICIN)¹

RESUMO: Emily Dickinson (1830-1886) consegue erigir em sua obra poética um mundo introspecto entre os silêncios e vazios, que, incrivelmente, comunicam e celebram os mistérios da vida. Aspectos pelos quais o eu-lírico instaura ecos universais para a (re)construção da humanidade, ante ao processo reificação. Afloradas tais questões, o objetivo desta investigação debruça-se na perspectiva do olhar à realidade pelas lentes da modernidade literária, regulada através dos efeitos estéticos e intersubjetivos da arrebatadora dicção poética de Emily Dickinson. De tal modo, o que parece avesso, distante, indesejável se transfigura em matéria poética, que carregam em si respostas edificantes ao que se deseja humano. Assim sendo, a poeta, por vezes, se afasta da realidade para melhor se aproximar e, sobretudo, entendê-la. Neste sentido, a leitura contextualizada de poemas representativos de Emily Dickinson, em constante diálogo com os aportes teóricos adotados, Paz (2009) Bosi (1977) Orlandi (2007), nortearam a metodologia desta investigação na busca o entendimento da representação do silêncio e suas possíveis implicações humanizantes, através de leituras contextuais.

Palavras-chaves: Emily Dickinson; Dicção poética; Pós modernidade; Representação do silêncio; Poesia e resistência

ABSTRACT: Emily Dickinson (1830-1886) builds in her poetic work an introspective world among silences and voids, which unbelievably communicate and celebrate life's mysteries. These aspects establish universal echoes for the (re)construction of humanity, before the process of reification developed by the lyrical I self. Thus, the aim of this research is guide from looking at reality through the lens of literary modernity perspective's, regulated through the aesthetic and intersubjective effects of Emily Dickinson's sweeping poetic diction. In this way, what seems to be possible, distant, and undesirable is transfigured into poetic matter, which brings in itself edifying responses to human beings. Therefore, this poet sometimes moves away from reality to better approximate, above all, to understand it. In this sense, the contextualized reading of poems that represent Emily Dickinson's poetry, in constant dialogue with the theoretical contributions adopted, Paz (2009) Bosi (1977) Orlandi (2007), who guided this research methodology in the search for understanding silence's representation and its humanizing implications through contextual readings.

Keywords: Emily Dickinson; Poetic diction; Postmodernity: Silence's representation; poetry and endurance.

Da linguagem ao silêncio: um olhar sobre as diferentes formas de comunicar:

O homem, graças a seus atributos cognitivos, é um ser em continua busca por significação. Desta forma, de acordo com Kristeva (1996, p.14): "todas as práticas humanas são tipos de linguagem visto que têm a função de demarcar, de significar, de comunicar" (apud OLIVEIRA, 2007, p.108) e é neste panorama que as comunicações são estabelecidas, nutrindo e mediando a vida em sociedade.

¹ Graduando em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia sob orientação do Prof. Dr. Manoel Barreto Júnior; lazaromontes@outlook.com

Desde o século XIX, século das grandes transformações, até os dias atuais, aconteceram grandes mudanças nas formas de comunicação. Neste espaço de tempo, diversas inovações ocorreram no ramo da comunicação e vários estudos a respeito do processo comunicativo foram desenvolvidos. No entanto, pouco ainda se fala sobre as questões que tangem o silêncio como representação simbólica discursiva.

Por isso, compreendemos que o imaginário social moderno tem destinado um lugar subalterno ao silêncio. Tal olhar, recaído sobre esta palavra-estado antropófono, tem sido fundamentado pelas diversas formas de linguagem a qual somos submetidos diariamente e pela urgente necessidade do falar, dentro das estruturas sócias (pós)modernas sendo que, em sua maioria, os sentidos propagados através destas, são apenas artifícios que conjecturam nos homens a perda de suas características humanas, vivendo nuances de mundo reificado.

Ademais, temos o entendimento de que as palavras são signos linguísticos carregados de significados que, nomeando as coisas ao nosso redor, vão possibilitando a existência destas no mundo (BOSI, 1977 p.141). No entanto, Foucault (1999) nos chama a atenção para o fato de que a “linguagem não mais se assemelha imediatamente às coisas que ela nomeia” (FOUCAULT, 1999, p.50), nos levando assim a compreensão de que há sentidos outros nas palavras, sentidos estes que vão para além da representação simbólica dos dizeres vigentes.

Segundo Orlandi (2007) “Com efeito, a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras”. (2007, p. 70). Desta forma, através da análise da dicção poética de Emily Dickinson, esta investigação visa confirmar que na linguagem poética literária os diversos sentidos das palavras que são refugadas, pelas sociedades modernas, são ressignificadas pelo imaginário dos artistas, ao serem utilizadas como matéria-poética para a construção de imagens. Aspecto próximo ao que pondera com o vocábulo silêncio, que conduzem a ampliação de seu sentido causando efeitos transformadores para os indivíduos em suas práticas sociais.

Emily Dickinson e a poética do silêncio

A poeta norte americana Emily Dickinson (1830–1886), cuja magnitude da obra fala por si, é uma das vozes que conseguem captar e transformar o silêncio em diversos rumos na sua dicção poética. Muito à frente do ideário social da sua época, em *silence is*

all we dread, um dos vários poemas no qual a poeta conclama o silêncio como matéria poética, o eu-lírico presente nesta imagem poética, representa com louvor, o lugar que o silêncio vem ocupando nas sociedades (pós)modernas.

O silêncio amedronta.
Conforta-nos a fala –
Mas o silencio é infinito.
Silencio não tem cara.²

(DICKINSON, 2009, p.148)

No primeiro verso do poema, a poeta define o silêncio como algo amedrontador. Sendo que, nesta visão, podemos correlacionar a ideia de silêncio apresentada no texto com a noção de vazio; falta de comunicação ou até mesmo “o desconhecido” uma vez que todos estes símbolos estão semanticamente interligados. No segundo verso, Dickinson afirma que a fala nos conforta. Ou seja, o argumento nos conforta desse temor causado pelo silêncio, que normalmente, é relacionado com o estado de luto e melancolia, sensações introspectivas que causam nos indivíduos uma suspensão do interesse pelo mundo externo (FREUD, 2011, p. 35). Assim, o silêncio é comumente renegado pelo homem (pós)moderno.

Todas essas vertentes e noções a respeito da palavra silêncio causam no ser humano uma estranheza que assusta e, conseqüentemente, servem como um gatilho para a busca desenfreada por significações, através da linguagem, a fim de bloquear as reflexões advindas destes vazios, uma vez que o homem tende a utilizar a linguagem como um meio de reter os sentidos inerentes ao silêncio” (ORLANDI,2007, p. 27).

Nos versos que constituem o poema, a autora segue fazendo distinções entre a fala e o silêncio, nos explicando que enquanto a fala delimita e nos conforta, o silêncio, por sua vez, é infinito e sem rosto. Esta mesma dimensão do silêncio, foi outrora defendida por Lacan (1967) ao instaurar duas nomenclaturas com o intuito de definir estas distintas noções de silêncio, a saber: “Sileo” e “Taceo”. Assim, segundo a análise apresentada por Lacan, compreendemos o “Sileo”, como o silêncio da palavra não-dita; o calar-se, seja por imposição ou por escolha. Por sua vez, “Taceo”, a segunda noção de silêncio, refere-se ao silêncio fundante, através do qual os espaços vazios servem de base para a significação (apud, HERNANDEZ, 2004; 130).

² *Silence is all we dread/ There's Ranson in a voice/ But silence is infinity/ Himself have not face.*

Esta última noção de silêncio, encontrada em Lacan, fora trabalhada por Emily Dickinson em *Silence is all we dread* e, de acordo a esta, compreendemos que por meio das imagens poéticas literárias pode-se suscitar nos indivíduos o anseio intersubjetivo por ouvirem os outros sentidos advindos do silêncio e, através destes, ressignificar a realidade factual, tendo em vista que a poesia moderna subsiste retirando forças das estranhezas e do silêncio a qual fora remetida (BOSI, 1977, p.142).

Por este viés, compreendemos que essa dimensão fundante do silêncio é basilar no processo de significação e que a compreensão semiótica só é possível através da mesma. Em outras palavras: “O silêncio é o real do discurso” (ORLANDI, 2007, p. 29). Por isso, ao definir o silêncio como algo infinito e sem rosto, a voz do eu lírico, aparentemente, exemplifica este caráter fundante do mesmo, no qual todos os sentidos cabem; um espaço que permeia a construção das imagens poéticas literárias e, com efeito de sentido, possibilita a compreensão da mesma.

Ao analisarmos a dicção poética de Emily Dickinson, conseguimos notar que uma das principais formas de exemplificar a noção de silêncio defendida por este trabalho, se apresenta nas diversas metáforas usada por esta poeta na construção da sua obra.

Assim, compreendemos que as metáforas na dicção poética dickinsoniana são utilizadas como um artifício poético, no intento de expressar o que parece ser incomum e, talvez por isso, indescritível racionalmente, uma vez que os sentidos atribuídos aos signos, representações da linguagem verbal, dentro das conjunturas sociais modernas, são limitantes.

Desta forma, pondera-se que os homens encontram nas linguagens artísticas literárias, como a poesia, um meio de articular seus pensamentos (J. MANNIS, J. HOULLI, 2011) e dá voz aos sentidos refugados pelas sociedades modernas, que vivem a emitir uma imensidão de signos, diariamente, mas sem proporcionar tempo e silêncio para que estes possam fazer sentido(s) dentro do jogo da significação.

Dito isto, ao analisarmos o poema *The spider as an artist* podemos observar Dickinson valendo-se de metáforas para comparar as semelhanças existentes entre o labor das aranhas, com a empreitada realizada pelos poetas, sinalizando que ambos desenvolvem as suas incumbências em silêncio, e as fazem por questões existenciais.

A aranha nunca fora admitido
Como um artista -
Embora seu mérito sobrepujante

Esteja livremente certificado

Por cada vassoura e Bridget
Em toda uma terra cristã -
Filho negligenciado do gênio
Eu o tomo pela Mão –³

(DICKINSON, 1924,)

Sob tal cenário, fica a compreensão de que sem tecer a sua teia, a aranha, provavelmente, não conseguiria garantir a sua sobrevivência, tendo em vista que através desta a mesma consegue agarrar suas presas com sucesso, se locomover, e demais funções necessárias para a sua sobrevivência. Da mesma forma, a existência do homem seria praticamente inviável, sem essa esperança de futuro, ou acalanto, encontrado na linguagem mito-poética (BOSI, 1977, p.151). Por isso, assim como as aranhas, os homens se empenham, silenciosamente, a traçar seus versos, em um ato de resistência, na busca por sentidos que garantam-lhe a sobrevivência perante um mundo absurdamente reificado e cada vez mais indisponível aos humanos.

Outro fator em comum entre o labor das aranhas e dos poetas, apresentado na metáfora criada por Emily Dickinson, refere-se ao não reconhecimento da produção de ambos os artistas. Assim, pondera-se que por não se compreender a magnitude das teias, obra prima da aranha, os homens são impelidos pelo asco, a repugná-las, condicionando-as ao nível de sujeira e que, portanto, devem ser arredadas para longe do que se diz social.

De maneira semelhante, são tratados os poetas e suas produções, tendo em vista que a poesia não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade, por estar condenada a dar voz na construção das imagens poéticas aos resíduos ainda não manipulados pela indústria cultural e por isso deixadas a margem da sociedade (BOSI, 1997, p.142).

Assim, pondera-se que a visão subalterna, a qual os poetas tem sido renegados na (pós)modernidade, tem contribuído para que a poesia esteja centrada em um lugar secundário no ideário social vigente, tornando-se cada vez mais inútil para aqueles que não conseguem livrar-se de suas condições materiais de vida e, por isso, não tem consciência de suas necessidades reais, suscitadas pelo fazer poético.

³ *THE SPIDER as an artist/ Has never been employed/ Though his surpassing merit/ Is freely certified/ By every broom and Bridget/ Throughout a Christian land/ Neglected son of genius/ I take thee by the hand –*

No entanto, ainda há os poucos que reconhecem a importância da lírica poética, na modernidade. Assim, ao se debruçarem sobre tais obras, os leitores tomam esses “gênios negligenciados pelas mãos” (os autores e seus escritos) e, em silêncio, apropriam-se de uma imagem do mundo, diferente da visão hegemônica, imagem está muitas vezes utópica, mas uma vez que despertada no homem, desenvolve nos mesmos o anseio por construí-la.

De acordo com Paz (2009):

O poema é um espaço vazio, mas carregado de iminência. Ainda não é presença: é um conjunto de signos que procuram o seu significado e que não significam outra coisa além de ser procura (PAZ, 2009, p. 104).

Assim, mediante a esta afirmação, compreendemos que o processo de significação que sustenta a interpretação das metáforas na dicção poética de Emily Dickinson só é possível por que este é mediado pelo silêncio que, por sua vez, desperta a auteridade dos leitores concedendo a estes, espaço para ressignificar a realidade, tendo em vista que: “Todo processo de significação traz uma relação necessária com o silêncio.” (ORLANDI, 2007, p. 53).

Além do exposto, observamos que os aspectos que representam as variáveis noções de silêncio, presentes na dicção poética de Emily Dickinson estão para além do discurso contido nos escritos da poeta. Nota-se que o silêncio também é apresentado nos escritos dickinsonianos através do uso de artifícios gramaticais e estilísticos que nos conduzem a este lugar, através do qual o próprio todo do texto se completa e o processo de significação se faz possível.

Segundo J. MANNIS, J. HOULLI (2011):

Silêncio e vazio estão na origem das articulações, pois seus desdobramentos – pausa, interrupção, separação, erupção ou extinção abrupta ou suave – aparecem já na base da estrutura da linguagem falada e escrita, induzindo a pontuação. (J. MANNIS, J. HOULLI, 2011, p. 4).

De tal modo, ponderamos que o uso das pontuações, que servem como artifício para a organização e garantia da compreensão dos textos, são na verdade articuladores

dos vazios, presentes no texto poético, promovendo pausas silenciosas, através das quais torna-se possível a arte de significação dos símbolos decodificados.

Mediante análise, percebe-se que uma das principais características da escrita de Emily Dickinson é a utilização de um sinal gráfico chamado disjunção. A disjunção pode ser compreendida como um recurso estilístico, que serve para destacar palavras ou até mesmo expressões, ao passo em que cria pausas na leitura e/ou muda o ritmo de alguns versos (LIRA, 2009, p. 22).

Não se sabe ao certo qual a intencionalidade de Dickinson ao utilizar este recurso em seus textos. No entanto, alguns leitores fiéis desta poeta costumam fazer uma breve pausa, seguida por um momento de reflexão, ao deparar-se com este grafema, tão comum, nos escritos dickinsonianos. Além disso, mesmo os leitores que não são tão afeitos a dicção poética de Emily Dickinson, reconhecem que o ritmo da leitura dos versos é quebrado por este artifício usado pela escritora.

No entanto, vale ressaltar que este vazio não se faz ausente de sentidos, levando em consideração que: “O poeta torna palavra tudo o que toca, sem excluir o silêncio e os brancos do texto” (PAZ, 2009, p.120). Assim, diante do exposto, consideramos que a presença deste sinal gráfico, contido nos escritos de Emily Dickinson pode servir como um artifício para representar uma palavra “abortada” (não dita).

Além disso, as palavras usadas pela poeta na construção dos seus textos, são rodeadas de uma intensa ambiguidade de sentidos, utilizados como artifício para se referir, muitas vezes de forma irônica, ao não dito. Um exemplo claro, do que se pretende apresentar nestas linhas, manifesta-se, por exemplo, por meio do uso da palavra “solitude”, expressa no seguinte poema:

Há solitude pelo espaço
No mar há solitude
Na morte há solitude – porém todas
São uma sociedade

A vista desta instância mais profunda
Polar privacidade
Que uma alma dá para si própria –
Finita infinitude⁴

⁴ *There is a solitude of space/ A solitude of sea/ A solitude of death – but these/ Society shall be/ Compared with that profounder site/ That polar privacy/ A soul admitted to itself – / Finite infinity.*

(DICKINSON, 2009, p.190).

Conforme Orlandi (2007) “Há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter da incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer.” (2007, p. 12). Desta forma, por mais que a palavra silêncio não esteja graficamente representada no poema, nota-se que o efeito de sentido desta se transfigura entre as tramas do texto poético pelo uso da palavra “Solitude” correlacionado com as figuras construída através das palavras “espaço”, “mar” e “morte”.

Assim sendo, observa-se que há um traço em comum entre todas essas palavras que nos remete a noção de falta e vazio no texto, que com efeito de sentido vai sendo preenchido de significados mediante a leitura do poema. Desta forma, por mais que não se possa notar com exatidão em palavras, uma vez que o silêncio não é diretamente observável (ORLANDI. 2007;32), o indizível se faz compreensível no texto poético ao passo que tais palavras vão abrindo espaços para a ressignificação, garantindo a compreensão intersubjetiva do poema.

Além disso, outro fator a ser considerado é que por meio da linguagem poética palavras como “solidão” e “morte”, acolhidas na dicção poética de Emily Dickinson, levam os homens a estabelecerem contato com os sentidos intangíveis, que, apesar de fazerem parte da vida cotidiana, tanto nos assustam e por isso, são apostatados ao campo do indizível. Desta forma, os sentidos invocados por tais palavras só podem ser abarcados pelo silêncio, utilizado como matéria poética nas obras literárias.

Esta relação entre o dito e o indizível; linguagem e silêncio, nas sociedades (pós)modernas que pode ser melhor compreendida, ao analisarmos o poema *The words the happy say*, apresentado abaixo:

As palavras na boca dos felizes
São músicas singelas
Mas as sentidas em silêncio
São belas –⁵

(DICKINSON, 2009, p. 246).

Mediante análise contextualizada desta imagem poética, observa-se que ao dividir as palavras em duas categorias: as palavras articuladas pelo felizes e as palavras que são sentidas em silêncio. O eu lírico faz a distinção entre o que é dizível e o que é

⁵ *The words the happy say/ Are paltry melody/ But those the silent feel/ Are beautiful – /*

indizível, sendo que este último só pode ser percebido através do silêncio, se levarmos em consideração que o silêncio configura-se como o estado primitivo das coisas e a fala, por sua vez, aparece em segundo plano como um movimento em torno do silêncio, dividindo e organizando-o (ORLANDI, 2007, p. 32).

Desta forma, compreender as limitações das palavras e restaurar o silêncio como um escopo significante, pode possibilitar ao homem (pós)moderno um confronto consigo mesmo e a oportunidade de, através do contato com essas imagens poéticas, transformarem a sociedade em que estão inseridos, por meio de um processo de humanização, o qual se faz extremamente necessário nos dias atuais, uma vez que “O homem nunca é tão dono de si mesmo quanto no silêncio: fora dele, parece [...] dissipar-se pelo discurso”. (DINOUART, 2001, p.12). Assim, conclamamos uma retomada ao fazer poético e ao silêncio como meios percussores para o autoconhecimento e, possivelmente, de transformações nas posturas sociais.

Considerações Finais:

Articular o silêncio como elemento lírico significante no discurso poético, não é uma tarefa fácil. Além disso, o lugar inaudível e relegado ao qual tanto a poesia, quanto palavras como “silêncio” coabitam nas sociedades (pós)modernas, são fruto de reflexões de critérios antológicas e de práticas sócio-culturais que merecem reflexões críticas justamente por empenharem aspectos do substrato humano.

Por este olhar, mediante tal análise conclui-se que há sentidos no silêncio, em toda sua expressão humanizante; e por este motivo ele é suscitado e acolhido na linguagem poética como matéria significante. Assim compreendido, ponderamos que com efeitos de sentido, entre os vazios e metáforas que compõe a dicção poética de Emily Dickinson, esta “palavra indesejada”, na maioria das práticas sociais, o silêncio, segue cuidadosamente ressignificada pela lírica dickinsoniana, a revelar aspectos arrebatadores e intersubjetivos de um eu-lírico que nos conclama para o autoconhecimento.

De tal modo, os resultados advindos da desconstrução desses paradigmas semânticos, realizado por meio de uma análise de pesquisa que possibilita exemplificar os recursos estéticos e retóricos através dos quais temas intersubjetivos são invocados na

linguagem artística literária é de fundamental importância para a reconstituição de um olhar social que enaltece o fazer poético.

Assim sendo, as discussões ponderadas nesta pesquisa evidenciam que através das lentes poéticas, que contradizem os discursos obsoletos sobre o lento e contínuo processo de humanização, a desmontar que é possível desenvolver transformação da realidade, por meio do aprimoramento das aptidões humanas, inerentes a todo indivíduo, porém adormecidas diante das condições reificadas na qual se encontra às sociedades (pós) modernas.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento** - Excursão I – Ulisses ou Mito e Esclarecimento. Disponível em: adorno.planetaclix.pt/d_e_excursao1.htm. Acesso 17 de mar. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Mikhail Mikhailovitch Barhtin; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Mozilene Neri. **O silêncio em Natalia Ginzburg e Clarice Lispector**. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a5n5/litcult/mozilene_barbosa.pdf > Acesso em: 13 Agu. 2017.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Editora Cultrix: São Paulo, 1977.

BRASILEIRO, Antonio. **Da inutilidade da poesia**. Rio de Janeiro: 7Letras; UEFS Editora, 2012.

CANDIDO, Antônio. "Direito a literatura". In: **Outros escritos**. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária.** Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2011.

CULLER, Jonathan. **Literary Theory – A very short introduction.** Oxford University Press: New York, 1997.

DICKINSON, Emily. **The complete poems of Emily Dickinson.** Boston: Little, Brown and Company, 1994.

DICKINSON, Emily. **The Complete Poems of Emily Dickinson.** Boston: Little, Brown, 1924; Bartleby.com, 2000. www.bartleby.com/113/. [Acesso em 12/08/2017 as 21:12].

DICKINSON, Emily. **Alguns poemas/Emily Dickinson;** tradução José Lira. – [1.reimpr.] São Paulo: Iluminuras, 2009.

_____. **The Complete Poems of Emily Dickinson.** 1ª edition. New York: Back Bay Books, 1976.

_____. **Emily Dickinson Selected poems.** 1ª edition. New York: Dover Publications, Inc, 1990.

ECO, Umberto. **The limits of interpretation.** New York: Indiana University Press, 1994.

EAGLETON, Terry. **Literary theory: an introduction / Terry Eagleton.** - 2nd ed. University of Minnesota Press, 2003.

ELIOT, T. S. **Tradition and the Individual Talent.** Available: http://seas3.elte.hu/coursematerial/RuttkayVeronika/tradition_and_individual_talent.pdf
Access in mar 06 2015.

FERRY, Ann. **Tradition and the Individual Poem: A Study of Anthologies.** Stanford: Stanford UP, 2001.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia.** Disponível em: <
<http://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>>. Acesso em:
16 jun. de 2014.

HERNANDEZ, Juliana. **O duplo estatuto do silêncio.** Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a16v1512.pdf>>. Acesso em: 14 Mai de 2017.

J. MANNIS, J. HOULLI. **Abertura para o silêncio.** Uberlândia-MG. 2011. Acesso em <
[http://www.academia.edu/2399365/Abertura para o silencio](http://www.academia.edu/2399365/Abertura_para_o_silencio)> as 20:00 em 15 Mai. 2017

LUKÁCS, Georg. Problemas de la mimesis. La Genesis del reflejo estético. In: **Estética.**
Barcelona: Grijalbo, 1966 p. 7-104 – v. I.

_____. **Marxismo e teoria da literatura;** seleção, apresentação e tradução de Carlos
Nelson Coutinho. 2ed – São Paulo: Expressão popular, 2010.

_____. La mision desfetichizadora del arte. In: **Estética** – Tomo I, 2012.

LIRA, José. **Emily Dickinson: e a poética da estrangeirização.** Disponível em <
<http://docplayer.com.br/28100911-Emily-dickinson-e-a-poetica-da-estrangeirizacao.html>>
Acesso em 20 Jul 2017.

MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. Publicado em SOUZA,
Eneida Maria de (Org.). **Modernidades tardias.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
p.157-172.

_____. **Minas melancólica:** poesia, nação, modernidade. Disponível em:
https://www.ufmg.br/aem/inicial/publicacoes/artigos/marques_minas.htm Acesso em:
28 de mar. 2017.

MR KEHL - FREUD, Sigmund. Luto e melancolia, 2011.

REMAK, H. H. Remak. Literatura comparada: definição e função. In: COUTINO, Eduardo F.; CARVALHAL. Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores/organização.** Eduardo F. Coutinho e Tania Franco Carvalhal. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

ORTEGA Y GASSET, José. **A desumanização da arte.** Trad. Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, Eni Punicelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 6ª ed.

PAZ, Octavio. **Signos em Rotação.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **O arco e a lira** / Tradução: Olva Savary. _ Rio de Janeiro: Nova, 2013.

OLIVEIRA, Vânia M.R. de; CAMPISTA, Valesca do R. **O silêncio: multiplicidade de sentidos.** In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro. 2007. pp.107-120. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/viewFile/2850/2316> > Acesso em 13 de Jun 2017

ROGERS. Pat. **The Oxford Illustrated History of English Literature.** New York: Oxford University Press, 1987

Recebido em: 11/09/2017
Aprovado em: 02/12/2017